

REGIONALISMOS DA LINGUAGEM: UMA PORTA DE ENTRADA PARA LEITURA DE ROMANCE

Aline Barbosa de Almeida
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Márcia Tavares
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

RESUMO

O estudo em questão fará uma reflexão acerca da linguagem que se configura nos romances *Dona Guidinha do Poço* de Manoel de Oliveira Paiva e *Vidas secas* de Graciliano Ramos, partindo de uma perspectiva histórica do regionalismo e observando como o ideal naturalista se configura no primeiro romance, por meio da linguagem, ao passo que no outro alcança um realismo puro. Dentro desse contexto abordaremos o leitor frente a tais narrativas, no que concerne a recepção do vocabulário, entendendo esse como porta de entrada para a leitura em sala de aula. Com isso pensamos em uma metodologia que abarque o leitor carregado de seus horizontes de expectativas, que lhe possibilita significar o texto. A pesquisa é de cunho bibliográfico e refletimos a partir dos teóricos Candido (1989), Jouve (2002), Brunacci (2008), Iser (1996) e Jauss (1994).

Palavras – chave: Linguagem. Romance. Regionalismo. Leitor.

A construção de um ideal regionalista

O termo regionalismo é uma forma de unificar as caracterizações específicas de uma sociedade, em que configura uma nacionalidade e costumes de uma época. Podemos notar que esse espírito unificador está presente nas manifestações das narrativas desde o período da independência, com o Movimento Literário intitulado Romantismo, que tinha a figura do índio como uma representação da cultura brasileira. Desse modo, Candido (1989, p. 202) nos explica que:

Esse elemento de identificação e comunhão foi o indianismo, que representava o habitante original do País como uma espécie de antepassado mítico, oposto ao colonizador. Pouco depois surgiu o regionalismo na ficção, assinalando as peculiaridades locais e mostrando cada uma delas como outras tantas maneiras de ser brasileiro.

Entendemos, então, que a figura do índio era tido como uma identificação unificada do que era ser brasileiro, de certo pelo “sentimento de culpa” que o processo de colonização causou em todo país, já que se criou uma espécie de dívida para com esse indivíduo. Nesse sentido, reportar uma determinada importância a essa vertente seria uma forma de retomar uma “cultura perdida”, tendo em vista que o índio já havia passado por uma transformação social e cultural.

Enaltecer essa premissa acaba sendo um ponto forte da ficção do Romantismo, em que um dos seus maiores representantes é o escritor José de Alencar com sua obra “Iracema”. Ele reporta a caracterização do índio pela vertente da linguagem, tentando aproximá-la o mais fiel possível da realidade indígena. Essa é uma tentativa instigante e criativa para o âmbito da construção da linguagem literária, mas no que diz respeito a recepção torna-se algo distante da realidade da época, pois a sociedade já estava condicionada a uma vivência mais moderna, então se colocar diante dessa literatura era se transpor a uma realidade de difícil assimilação. Por isso que as rejeições tornam-se mais enfáticas, tanto pelo viés do não entendimento, como do próprio preconceito em relação a vertente indianista. Com isso entendemos que:

[...] não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo. Não menos que eles, os convida a natureza americana cuja magnificência e esplendor naturalmente desafiam a poetas e prosadores. O romance, sobretudo, apoderou-se de todos esses elementos de invenção, a que devemos, entre outros, os livros dos Srs. Bernardo Guimarães, que brilhante e ingenuamente nos pinta os costumes da região em que nasceu, J. de Alencar, Macedo, Sílvio Dinarte Escragnolle Taunay), Franklin Távora, e alguns mais. Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura. Gonçalves Dias por exemplo, com poesias próprias, seria admitido no panteão nacional; se excetuarmos Os Timbiras, os outros poemas americanos e certo número de composições, pertencem os seus versos pelo assunto a toda a mais humanidade, cujas aspirações, entusiasmo, fraquezas e dores geralmente cantam; e excluo daí as belas Sextilhas de Frei Antão, que essas pertencem unicamente à literatura portuguesa, não só pelo assunto que o poeta extraiu dos historiadores lusitanos, mas até pelo estilo que ele habilmente fez antiquado. (ASSIS, 1873, p. 04)

Limitar a representação nacional apenas pelo indianismo é empobrecer a diversidade cultural que nosso país possui. Todos os tempos e suas civilizações podem ser fonte de inspiração poética, mas isso depende de como o escritor observa o mundo e o reproduz por meio da linguagem literária. Assis (1873) ainda comenta que o que torna uma obra verdadeiramente nacional é a representação atual da época, em que o escritor torna-se íntimo desse momento e o transcende em espaço e tempo. Essa projeção que fazemos de nossa época não é algo que se possa estagnar e colocá-la em uma perspectiva de mudança futura e igualá-la à cultura do passado. O mundo e a influência que recebemos sempre estão em movimento, daí provém a diferença. O que podemos pensar é na reverberação que essas influências tem com o momento atual e como elas podem influenciar o futuro, seja pelo viés

literário ou não.

É com essa ideia de representação atual que Machado de Assis contribui para o regionalismo na ficção brasileira, uma vez que ele traz a representação do homem em diversos âmbitos, pois:

[...] O amadurecimento promovido por Machado foi decisivo e cheio de consequências futuras, porque ele não apenas consolidou com maestria uma escolha temática, mas se interessou por técnicas narrativas que eram heterodoxas e poderiam ter sido inovadoras. Além disso, teve consciência crítica da sua posição sem preconceitos provincianos [...]. (CANDIDO, 1989 p. 203)

Mesmo com esse amadurecimento e as inovações de Machado de Assis o regional ainda não foi um elemento decisivo e central para a literatura, já que o ideal estético era ressaltar a existência do homem através das formas urbanas, então, havia ainda, uma literatura predominante agregada à ideologias que ressaltavam a língua e uma sociedade tipicamente burguesa, criada com o intuito de ser apreciada mais pelos estrangeiros do que pelos nativos.

Após esse sistema, mais precisamente em 1930 com o Modernismo, a sociedade cria um espírito de liberdade em que a roupagem da literatura ganha um novo *status*. Candido (1989) nos explica que essa transformação se dá em dois níveis: o específico que está para a fisionomia da obra literária e o genérico que rejeita os padrões estéticos de estilos anteriores. Assim,

[...] quase todos escritores de qualidade acabaram escrevendo como beneficiários da libertação operada pelos modernistas, que acarretava a depuração antioratória da linguagem, com a busca de uma simplificação crescente e dos torneios coloquiais que rompem o tipo anterior de artificialismo. (CANDIDO, 1989, p. 186)

Procurando se afastar de um purismo estético da linguagem literária os escritores do Modernismo adotam uma linguagem mais coloquial e passam a representar o homem em diferentes vivências, para tanto, eles procuraram ressaltar a sua originalidade em seu ambiente e linguagem natural. Dentro desse contexto, a vertente regionalista ganha espaço e o Nordeste passa a ser parte da literatura com seus costumes e ideologias, dessa forma:

O fato mais saliente foi a voga do chamado “romance do nordeste”, que transformou o regionalismo ao extirpar a visão paternalista e exótica, para lhe substituir uma posição crítica frequentemente agressiva, não raro assumindo o ângulo do espoliado, ao mesmo tempo que alargava o ecúmeno literário por um acentuado realismo no uso do vocabulário e na escolha das situações. (CANDIDO, 1989, p. 204)

Com o romance do nordeste a fase da representação regional se restaura em uma perspectiva que leva em consideração a realidade de uma forma mais fiel. A começar pelo uso do vocabulário, que até então era tido como algo formal e depois passou a ser utilizado de maneira informal, na tentativa de fazer com que os leitores se aproximassem daquela realidade.

Chamamos atenção para a situação dialética que se cria nesse universo, pois fazer a representação da linguagem popular é um dos grandes desafios dos escritores, visto que o indivíduo que cria a representação literária faz parte de uma “cultura letrada”, ao passo que a ficção e as personagens inseridas, nela, representam a “cultura iletrada”. Nesse sentido, o escritor precisa criar a relação íntima com o meio, o qual Machado de Assis se refere em seu texto “Instinto de Nacionalidade”. O acontecimento de uma identificação deve estar para uma vivência que aproxime o indivíduo daquelas experiências e que faça-o internalizá-las para depois expressá-las por meio da literatura. É por isso que podemos pensar que:

[...] os escritores, em diversos momentos históricos desse processo, posicionam-se de diferentes maneiras em relação à literatura enquanto manifestação cultural da classe letrada e à invasão de seu espaço pelas vozes da classe iletrada. Em alguns casos, pode-se apreender o nítido desejo do escritor de proceder ao “resgate” puro e simples das formas orais sufocadas no processo de dominação. Por isso muitas vezes tenta dialogar com a cultura do iletrado, buscando trazer o discurso do excluído para dentro da obra literária e, assim, concedendo o espaço para a manifestação da sua voz. E essa voz que se manifesta então pode ser representada na linguagem escrita da literatura de suas formas: pela notação fiel da fala da personagem iletrada ou por sua adaptação pelo narrado. (BRUNACCI, 2008, p. 89-90)

Representar a cultura do iletrado é fazer a projeção dele para uma sociedade em que predomina uma cultura inversa, mas que ao mesmo tempo torna-se parte dela por estar sendo representado pela literatura, a qual faz parte do mundo letrado. Mas não menos acessível aos iletrados, uma vez que o cultivo da leitura oralizada ainda é mantida e praticada em algumas atividades pedagógicas, bem como na sociedade como um todo.

É por meio da literatura que a cultura do iletrado é mantida na sociedade, mas pensando em um caminhar estético essa representação torna-se complexa e extensa, haja vista as transcrições das falas que precisam ser fiéis. É, nesse âmbito, que os escritores sentem uma determinada dificuldade, pois muitos não dominam a fala regional de forma plena, por isso que a adaptação pelo narrador torna-se a melhor forma de aderir essa temática, porque o narrador representa a cultura letrada ao passo que a personagem representa a iletrada, nesse sentido não há uma responsabilidade de “representar fielmente”.

Inspirações regionais: Manoel de Oliveira Paivá e Graciliano Ramos

Escritores naturalistas, como Manoel de Oliveira Paiva (1892) dariam à região do nordeste uma característica literária, ao representar a seca e o registro de uma linguagem peculiar desse meio através da literatura. O romance que marca essa fase de registros é *Dona Guidinha do Poço*, que foi escrito por volta de 1891, mas editado em 1951. É um romance que traz elementos da cultura nordestina, bem como a vida do interior. A história nos mostra a situação de uma mendiga que era alvo de piadas e de desprezo pelo povo de Quixeramobim por ter sido condenada ao assassinato do marido. O enredo ainda nos revela os manejos do amor proibido, da traição, da morte e, por fim, da miséria em que a personagem principal é submetida em função de suas ações. Dessa forma, podemos entender que:

[...] Oliveira Paiva era prosador terso, que sabia descrever e narrar com mão certa e intervir no momento azado com talhos irônicos de inteligência fina e crítica. Para sentir as relações concretas entre o meio e o homem, será preciso esperar pela linguagem incisiva de Graciliano Ramos para se ter algo que supere as densas notações de *Dona Guidinha*. (BOSI, 2006, p. 196.).

É esse tom crítico e até mesmo irônico que irá perpassar pela narrativa do romance *Dona Guidinha do Poço*. O narrador imprime na obra uma linguagem mútua entre ele e as personagens, uma vez que o narrador parece contaminar-se do ambiente que descreve. É por isso que a linguagem é marcada pela oralidade, trazendo um teor dramático e mais intenso da realidade do sertanejo. Como podemos perceber a baixo:

[...] - é só o que vocês querem! É a fonção de ir pra vila, mó de viverem lá na folia com as suas pareceras!
- E depois, minha rica branca? A gente também não há de pricurá suas melhoria? Só branco que é fi de Deus? Depois Vosmicê era inté mais a favo dos nego, o qual não é agora [...]. (PAIVA, 2006, p. 61, grifo nosso.)

Essas marcas da oralidade em *Dona Guidinha do Poço* fazem com que, de acordo com Bezerra (2006) se antecipe a Mário de Andrade, pois se estabelece como registro da fala brasileira ou o seu caráter de brasilidade, uma vez que a transcrição fonética é evidenciada. É uma linguagem que reflete o ambiente descrito em que essas marcas da linguagem também estão imprimidas nas demais personagens. A fala, que é iniciada pelo discurso direto faz uma ruptura com a língua padrão.

Essa manifestação da linguagem nos textos literários ao poucos vai tomando outras

formas e dimensões no que diz respeito a estética e ao estilo. É por isso que Graciliano Ramos vai moldar em suas narrativas uma linguagem mais incisiva da manifestação do regional. Esse escritor, dono de um estilo singular foi um homem de seu tempo e soube representá-lo com maestria, delicadeza e precisão a existência do homem Nordestino. De acordo com Coutinho (1978) o referido escritor representa a formação de uma realidade brasileira contemporânea por completa, como suas íntimas e excêntricas peculiaridades. Com isso entendemos que o escritor se afasta da temática regionalista que tinha como principal manifestação o naturalismo sociológico, pois:

[...] o Nordeste era a região mais típica do Brasil, a sua crise expressando – em toda a sua crueza e evidência – a crise de todo o País. Não é assim um fato do acaso romance nordestino da década de 30 o movimento literário mais profundamente realista da história de nossa literatura. E, no, seu interior, Graciliano é a figura mais alta e representativa. É ele quem mais radicalmente se liberta da mistura de romantismo (“revolucionário” ou reacionário) e de naturalismo, que ainda vemos existir em grande maioria de seus contemporâneos. (COUTINHO, 1978, p. 74)

Essa situação ocorre porque na região do Nordeste as crises sociais se davam de forma mais intensas, já que além de ser assolada pelos fatores naturais como a seca, ainda havia a crise social que em decorrência desta se tornava mais agravante e sofrida para os indivíduos daquelas localidades. Eram levados a sair de seu lugar natal a procura de uma melhora nas cidades grandes, a qual era tida como lugar do desenvolvimento e da fartura. O progresso e a democratização da sociedade rural tornavam-se objetivos cada vez mais distante, em que a luta e a esperança eram desnecessárias.

Essa dualidade social serviu de grande base para a produção de Graciliano Ramos, em especial a obra *Vidas secas* (1938) que narra a história de uma família de retirantes em busca de uma vivência melhor. O ambiente é o sertão nordestino, assolado pela seca, em que Fabiano, sinha Vitória, Os meninos Mais Velho e Mais Novo juntamente com a cachorra Baleia, esperam atentamente pelo inverno, tempo de cheia e de fartura. Com isso eles passam a morar em uma fazenda até então sem dono, mas que logo esse patrão se torna presente e a família se vê subjugada às regras do mesmo. Mas o tempo de abundância passa e o verão massacrante retorna, então, a família se vê obrigada a se retirar e a caminhar em busca de um novo lugar.

É no estilo dessa obra que Graciliano Ramos ganha destaque, já que sua escolha de palavras e dos fatos lhe confere um estilo pessoal e único. De acordo com Carpeaux (1943) o referido escritor é “muito metucioso”, visto que:

[...] quer eliminar tudo o que não é essencial: as descrições pitorescas, o lugar comum das frases feitas, a eloquência tendenciosa. Seria capaz ainda de eliminar páginas inteiras, eliminar seus romances inteiros, eliminar o próprio mundo. Para guardar apenas o que é essencial, isto é, conforme o conceito de Benedetto Croce, o “lírico”. (CARPEAUX, 1943, p. 243.)

Com essa “crise” do eliminar tudo Graciliano Ramos se firma na literatura brasileira registrando aquilo que é importante na vivência do nordestino. *Vidas secas* é o romance que melhor representa essa característica do escritor, já que ele foge dos parâmetros dos demais romances publicados. É o único escrito em terceira pessoa e não gira em torno de um protagonista que recolhe os fatos apenas para si, ele é amplo e ao mesmo tempo restrito no que concerne a descrição das personagens Fabiano, sinha Vitória, O Menino Mais Velho, O Menino Mais Novo e a cadela Baleia.

Sua estrutura também prima pela eliminação dos conectores da narrativa, os capítulos não possuem uma dependência entre si. Candido (2006) chama essa técnica de “justaposição dos segmentos”, mas essa descentralização da linearidade tradicional não retira o sentido da obra, ela amplia a visão dos receptores a respeito da realidade daqueles indivíduos descritos. É por isso que a escolha da narrativa em terceira pessoa torna-se uma escolha inteligente e perspicaz, pois o narrador se coloca de fora da situação, narrando apenas os fatos em perspectivas de personagens diferentes.

Esse foco da narrativa contribui para a linguagem que o escritor molda em *Vidas secas*, visto que ele precisa transpor a linguagem do indivíduo não letrado com seus aspectos regionais em uma narrativa que não crie um aspecto superficial. Como se trata de uma obra regional, a reprodução fonética e o registro inculto da fala do nordestino precisam ser ressaltados. Contudo,

[...] essa questão parece ter incomodado Graciliano Ramos em todas as suas obras de ficção. A modulação dos pontos de vista dos narradores, nos romances de primeira pessoa, é já um sinal de inquietação do escritor com a questão da linguagem pelo foco da classe social. Há diferenças entre eles, correspondentes as suas trajetórias de vida dentro da visão de mundo da classe a que pertencem, por isso que esses narradores não chegaram a constituir uma figuração de um outro de classe totalmente desconhecido. Mas em *Vidas secas*, não. Nesse romance, essa figuração traz para a narrativa um ser social que parece desconhecido, do qual o narrador em terceira pessoa tenta se apoderar, para poder reconhecê-lo como ser humano. Eis o porquê de se estabelecer uma relação complexa entre narrador e personagem, que parece alternar aproximação e afastamento com uma linguagem que busca todo o tempo superar a dificuldade de representação de uma das personagens em especial: Fabiano. (BRUNACCI, 2008, p. 93-94).

A linguagem nas obras de Graciliano Ramos constitui a identificação do indivíduo que narra com sua classe social. O narrador em *Vidas secas* toma espaço à medida que o silêncio

da personagem Fabiano, bem como das demais personagens predomina. O narrador se apodera da vivência do outro na tentativa de representá-lo e de vivificá-lo por meio da escrita literária. Mas essa falta de diálogo, por parte das personagens, é mais uma das eliminações do escritor, uma técnica que não lhe exige transpor a fala do sertanejo em seus aspectos fonéticos, como é o caso da obra *Dona Guidinha do Poço* de Manoel de Oliveira Paiva que trabalha a língua nessa perspectiva, criando sentido e forma para a fala do sertanejo.

Brunacci (2008) ainda completa dizendo que o escritor modernista cria em *Vidas secas* uma relação narrador culto e personagem inculto, no entanto, há uma preocupação em não reificar a personagem inculta como nos demais romances da época, sendo assim, ele evita o uso da fala de modo pitoresco, como também a ideia de paternalismo e de piedade muito visível em autores do romance regionalista de 30. Então, ele procura ressaltar a vivência e os moldes nordestinos com são.

Contudo, devemos atentar que o vocabulário de *Vidas secas* constitui à obra um regionalismo tipicamente brasileiro, ressaltando a sonorização de termos regionais como “aió”¹, “bilro”², “cocó”³, “trempe”⁴, “caritó”⁵, “bicheira”⁶, entre outros que vão tomando espaço no decorrer da narrativa. O uso desse vocabulário torna a obra mais acessível para o público nordestino, visto que a identificação da cultura se dá de forma mútua. Não que ela não seja acessível a outro público, ela é, mas demandará uma vivência com a linguagem pelo viés da pesquisa e torna-se uma experiência rica e significativa, pois um estará se preenchendo da cultura do outro, dialogando e vivificando a própria vida.

A linguagem regional como entrada para leitura literária em sala de aula

De acordo com Cosson (2014) nossas leituras são construídas dentro do jogo de forças de uma comunidade e que é por meio dessa participação que nos constituímos como leitores. É dentro dessa perspectiva que iremos propor uma experiência de leitura dos romances analisados, pelo viés da linguagem, em sala de aula. Pretendemos partir da sistematização do círculo de leitura o qual podemos entender que é:

[...] uma prática privilegiada. Primeiro, porque, ao lerem juntos os participantes do

¹Mochila feita com tecido de caroá, planta que produz fibras têxteis.

²Peça de madeira usada para fazer renda.

³Penteadado feminino. Coque.

⁴Suporte para levar panela ao fogo. Arco de ferro com três pés.

⁵Prateleira cavada nas paredes das casas de taipa.

⁶Ferida exposta normalmente em animais com pequenos bichos (larvas) dentro.

grupo tornam explícito o caráter social da interpretação dos textos e podem se apropriar do repertório e manipular seus elementos com um grau maior de consciência, quer seja para reforçar ou para desafiar conceitos, práticas e tradições [...]. Depois, porque a leitura em grupo estreita os laços sociais, reforça identidade e a solidariedade entre as pessoas [...]. Por fim, porque os círculos de leitura possuem um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra selecionada. (COSSON, 2014, p. 139).

Observemos que a prática da leitura em grupo vivifica uma experiência de contato com o texto literário, em que estará sendo apreciado tanto as categorias textuais do texto literário, bem como sua função social na formação do leitor. Seguindo esses pormenores, o teórico ainda menciona que o círculo de leitura de literatura começa pela seleção das obras pelo professor. Ele pode montar uma lista de acordo com os interesses da turma. Partimos da ideia de que essas obras, podem se deter a leitura de *Dona Guidinha do Poço* e *Vidas secas* em turma do segundo ou terceiro ano do ensino médio.

Depois dessa escolha, o professor divide a turma de quatro a seis grupos. Estabelece-se um cronograma de leitura e de discussão da obra que pode durar dois encontros semanais cada um com cerca de uma hora de duração. O tempo para a leitura de cada romance deve durar em torno de dois meses, totalizando uma experiência de quatro meses, ou seja, um semestre.

Com os grupos formados cada membro irá assumir uma função. A divisão se dá de forma temática. Cosson (2014, p. 142-143) baseado nas ideias do círculo de leitura do teórico Harvey Daniels, sugere as seguintes funções que o leitor poderá ter sobre o texto literário:

- **Conector:** pode ligar a obra ou trechos lido com a vida, com o momento. Como pensamos na linguagem como uma porta de entrada para leitura dos romances *Dona Guidinha do Poço* e *Vidas secas*, a ligação da obra com a vida pode se dar por esse viés: de como a linguagem, figurada nesses romances, se amplia para a realidade vivenciada e como que isso significa um valor social e cultural.
- **Questionador:** prepara perguntas para os demais grupos. As questões devem ser de cunho analítico, como por exemplo: por que as personagens agem desse jeito? Qual o sentido deste ou daquele acontecimento? Por que as obras são representadas nessa determinada época? Por que as personagens são descritas desta ou daquela forma? É por meio desses questionamentos que a turma poderá ir criando sentido para a leitura que se

realiza e da verossimilhança ali apresentada.

- **Iluminador de passagens:** escolhe uma passagem para explicitar ao grupo. Essa escolha pode estar ligada a beleza, a dificuldade de ser entendida e porque é essencial à compreensão do texto.
- **Ilustrador:** traz imagens para ilustrar o texto. Acreditamos que esse membro do grupo pode desenvolver essa função com o iluminador de passagens, uma vez que ambos trabalharam pelo viés da imagem dentro do texto literário.
- **Dicionarista:** escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para leitura do texto. Procurando ressaltar a leitura dos romances regionalistas esse membro pode mencionar as palavras regionais, sua oralidade, pesquisar significados que se encontram no ideológico do povo e que não está presente no dicionário.
- **Sintetizador:** sumariza o texto. Mediando a leitura em sala de aula o professor pode sugerir a esse membro que ele aponte os principais pontos da narrativa de forma linear, nomeando as ações, por exemplo.
- **Pesquisador:** esse busca informações contextuais que são relevantes para o texto. Aqui pode-se dá a busca pela época em que a história acontece. O porquê de determinadas representações, costumes, influências políticas, o ambiente narrado, o ideal regionalista presente nas obras, entre outros aspectos.
- **Cenógrafo:** Descreve as cenas principais. Esse membro pode dialogar com o iluminador de passagens e o ilustrador, uma vez que descrever as cenas também faz parte do ideológico imagético de uma obra. No entanto, esse se deterá as descrições principais e que façam sentido para a discussão do momento.
- **Perfilador:** traça um perfil das personagens mais interessantes. Tendo como ponto de partida as personagens centrais o leitor poderá aqui fazer um registro característico de como as personagens se apresentam durante a narrativa, como por exemplo: mudança de caráter, de humor, de comportamento diante de uma situação da história.

A partir dessa organização, os alunos devem ler em casa e fazer um registro escrito da leitura, como diário de leitura. Cosson (2014) cita que no dia do encontro o professor deve utilizar dez ou quinze minutos iniciais para uma miniaula sobre algum aspecto relevante da leitura e do funcionamento dos grupos. O restante do tempo é dedicado a discussão da obra pelos alunos. Ao término da leitura e da discussão da obra deve-se reservar uma aula inteira para a apresentação da obra lida, fazendo menção aos principais pontos trabalhados em sala de aula. Pode ser uma apresentação oral ou apresentações artísticas que dialoguem com o que foi trabalhado em sala.

Conclusão

O problema do amadurecimento da vertente regionalista vem sendo representado pela literatura desde a representação do índio, com a ideia de exaltação a pátria e seus costumes em que configura a fase romântica da literatura brasileira. Por conseguinte o mesmo espírito de nacionalidade é representado nas fases posteriores, mas o que sobressai é a existência do homem no meio urbano e a sua desestruturação moral. No modernismo esse aspecto ganha uma nova roupagem em que a diversidade cultural, especificamente a região do Nordeste, é representada pela sua peculiaridade, costume e linguagem.

São dessas peculiaridades que as características da linguagem tanto na obra de *Dona Guidinha do Poço* de Manoel de Oliveira Paiva, quanto na obra *Vidas secas* de Graciliano Ramos rompem com certas tendências e manifestam outras. Esses escritores, como suas características próprias representam, por meio da literatura, aquilo que é importante para a caracterização de um povo. Procuram, também, explorar a realidade pelo viés da existência do nordestino em diversos ambientes e situações. A linguagem torna-se o principal meio de representação do sertanejo e de abertura para uma relação dialógica com o leitor, seja ele da cultura representada na obra ou não. Assim, esses são manejos que determinam os romances para uma universalidade e sua propagação no tempo.

Uma porta de entrada para o diálogo com essas obras analisadas é a linguagem regional, por isso propomos uma experiência de leitura literária, em sala de aula, baseada no círculo de leitura de Rildo Cosson. Por esse viés, o professor deverá ter um papel de mediador, de provocador e de facilitador das discussões. Levando o leitor a ter um posicionamento crítico e reflexivo sobre as obras literárias lidas no espaço escolar e extraclasse, promovendo as discussões em grupo como um processo natural.

Portanto, a avaliação pode ser realizada pela observações do nível dos comentários dos leitores e autoavaliação do aluno. Complementando, Cosson (2014) cita que uma experiência que trabalha na perspectiva do círculo de leitura como abordagem metodológica deve ter em mente, que essa vivência deve ser divertida, com muita interação entre os participantes e criação de significados relevantes para a formação do leitor.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. Instinto de nacionalidade. 1873. In.: **Crítica, notícia da atual literatura brasileira**. São Paulo: Agir, 1959. p. 28 – 34.

BEZERRA, Marta Célia Feitosa. **Dona Guidinha**: o poço dos desejos. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Letras da Universidade Federal da Paraíba. Paraíba: UFPB, 2006. 115 p.

BRUNACCI, Maria Izabel. **Graciliano Ramos**: um escritor personagem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1989.

_____. 50 anos de Vidas secas. In.: _____. **Ficção e confissão**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. p 143-151.

CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. 1943. In.: GARBUGLIO, José Carlos; BOSI, Alfredo; FACIOLI, Valentin. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Ática, 1987.

COUTINHO, Carlos Nelson. Graciliano Ramos. In.: BRAYNER, Sônia. Graciliano Ramos. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p 73-122.

COSSON, Rildo. **Círculo de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 108 ed. São Paulo: Record, 2008.

PAIVA, Manoel de Oliveira. **Dona Guidinha do Poço**. São Paulo: Carthago, 2006.